



PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA ACERCA DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA, TRILHAS INTERPRETATIVAS, EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC)

**Alexander Klein Tahara¹
Suraya Cristina Darido²**

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo propor uma unidade didática com o tema das práticas corporais de aventura, a vivência em trilhas interpretativas e o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC), para alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola em Ilhéus/BA. A intenção é fazer com que estes alunos participem ativamente do processo pedagógico, produzindo vídeos e materiais digitais a serem utilizados no desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chave: Unidade Didática. Alunos. Práticas Corporais de Aventura. Trilhas Interpretativas. Educação Física Escolar. Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

¹ UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus/BA.

² UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Rio Claro.

**ABSTRACT**

This paper aims to propose a teaching unit with the issue of corporal practices of adventure, the experience in interpretative trails and the use of information and communication technologies (ICT) for students of the 1st year of high school at a school in Ilheus/BA. The intention is to make these students actively participate in the learning process, producing videos and digital materials to be used in the development of the classes of Physical Education.

Keywords: Teaching Unit. Students. Body Practices Adventure. Interpretative Trails. Physical Education. Information and Communication Technologies (ICT).



INTRODUÇÃO

Levando-se em consideração a necessidade do professor de Educação Física sempre tentar diversificar e inovar suas aulas, além de repensar constantemente sua prática pedagógica, torna-se premente que haja uma compreensão das amplas manifestações da cultura corporal de movimento a serem vivenciadas e discutidas com os alunos, incluindo os conteúdos emergentes dentro do contexto da Educação Física na escola. Ainda mais com a possibilidade viável de se abordar tais conteúdos vinculados à utilização das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

No entendimento de Galvão, Rodrigues e Silva (2005), a respeito do desenvolvimento das aulas de Educação Física escolar tendo como base os conteúdos que enfatizam a aventura, “[...] colocam-se como uma tendência na dinâmica cadeia de relações construídas a partir do entendimento sobre o fenômeno esportivo; portanto, precisam ser abordados e discutidos na escola” (p.183).

A utilização dos esportes de aventura em ambiente escolar, conforme relatam Rodrigues e Darido (2006), configura-se como uma proposta possível de ser encaminhada dentro da temática ligada ao meio ambiente. Tal conteúdo apresenta algumas possibilidades de discussões e vivências junto aos alunos durante o desenvolvimento das aulas, tais como a questão relacionada à Educação Ambiental, a educação para o lazer em contato com a natureza, entre outras possibilidades.

Dentro da área da Educação Física, as práticas corporais de aventura já vêm sendo discutidas no âmbito do lazer há algum tempo e de uma forma mais recorrente do que na perspectiva escolar, como em Bruhns (1997), Uvinha (2001), Betrán (2003), Schwartz (2006), Santos e Marinho (2014), entre outros.

Convém ressaltar que neste ensaio será adotado o termo “práticas corporais de aventura”, tendo em vista que o mesmo engloba tanto as práticas realizadas junto ao meio ambiente natural, tais como o *rafting*, surfe, *mountain bike*, espeleologia (*caving*), *trekking* em trilhas interpretativas, entre outras, bem como aquelas inseridas dentro do contexto urbano, como o *skate*, patins, *slackline*, a escalada em paredes artificiais e o *parkour*. Na literatura específica se encontra frequentemente os termos AFAN (Atividades Físicas de Aventura na Natureza), Esportes de Aventura, Esportes Radicais, Atividades de Aventura, entre outros, e por isso no decorrer deste trabalho será mantido a terminologia original utilizada por cada autor citado. O motivo pela referida escolha em adotar o termo “práticas corporais” ao invés de “atividades”, como entende Franco, Cavasini e Darido (2014, p.105), deve-se ao fato desta terminologia “dar um sentido mais sistematizado a esse conjunto de conhecimentos que, espera-se, seja incluído mais frequentemente em propostas escolares e nos núcleos do Programa Segundo Tempo (PST)”, sendo que as mesmas podem ocorrer tanto no meio urbano ou na natureza.

No que concerne à produção que relaciona as práticas corporais de aventura e o ambiente escolar, percebe-se nos dias atuais uma produção ainda tímida, mas crescente na área, haja vista os trabalhos de Paiva e França (2007), Auricchio (2009), Pereira e Armbrust (2010), Gonçalves Júnior *et al.* (2011), Franco (2011), Armbrust e Silva (2012), Alves e Corsino (2013), entre outros, os quais abordam e tecem reflexões sobre a inserção do conteúdo aventura em meio escolar. Paiva e França (2007) mencionam a participação em trilhas interpretativas como aliadas à educação ambiental. No caso deste ensaio, tal participação em trilhas interpretativas será uma das atividades propostas na Unidade Didática que será apresentada



adiante. Torna-se importante mencionar o fato de que nestes estudos citados não fez-se uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Especificamente sobre as trilhas interpretativas, a qual será também uma atividade/experiência de aprendizagem proposta nesta Unidade Didática, Paiva e França (2007) salientam que a participação neste tipo de trilhas, ou seja, a realização de um *trekking* em meio natural sendo conduzidos por um guia munido de informações importantes sobre aspectos peculiares da fauna e flora locais, podem permitir uma maior integração de diferentes campos do conhecimento, e as trilhas interpretativas propostas pela área da Educação Física tornam-se uma experiência de transversalidade ao promover múltiplas atividades propostas, enfatizando a sensibilização de percepções e interpretações acerca da educação ambiental.

As atividades físicas de aventura na natureza, segundo Betrán e Betrán (2006), apresentam três âmbitos de atuação bastante distintos: o turístico-recreativo, no qual indivíduos procuram pela aventura com o propósito de vivenciar seus momentos de lazer e tempo livre; o rendimento-competição, onde praticantes competem em diferentes modalidades, com o intuito de vencer seus adversários e, por fim o âmbito educativo-pedagógico. Em relação a este último, estas vivências constituem-se como atividades capazes de proporcionar às crianças e adolescentes situações de grande importância pedagógica pelo fato da possibilidade de transmissão eficiente de valores, atitudes e normas; da aprendizagem de conceitos integrados em diferentes âmbitos do conhecimento (processo interdisciplinar) e da realização de diversas experiências motoras de grande impacto emocional, entre outros aspectos e benefícios que tal âmbito pode proporcionar aos alunos.

Diante destes apontamentos, torna-se importante refletir sobre algumas possibilidades pedagógicas que possam contribuir com a ação didático-pedagógica do professor acerca da utilização do conteúdo relacionado à aventura e, assim possibilitar aos alunos a vivência desta prática corporal dentro da área da Educação Física.

Considerando o contexto social, uma alternativa interessante para auxiliar o professor seria por meio do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), uma vez que poderiam, por exemplo, ser disponibilizados *on-line* conhecimentos teóricos e práticos aos alunos acerca das inúmeras modalidades de práticas corporais de aventura, bem como a criação de um grupo da classe na rede social Facebook para alocar discussões e apontamentos críticos, filmagem e edição de vídeos sobre vivências práticas da classe, entre outras possibilidades que envolvem o manuseio das novas tecnologias.

Sobre a problemática acerca da inserção das TIC em contexto educacional, algumas pesquisas e estudos vêm sendo realizados nos últimos anos, tais como Bianchi, Pires e Vanzin (2008); Bianchi (2009); Miranda (2010); Sena (2011); Champagnatte e Nunes (2011); Silva (2012); Baracho, Gripp e Lima (2012), Diniz (2014); entre outras, as quais propõem importantes diálogos sobre tal inserção, entre eles os benefícios que podem ser alcançados, as dificuldades que impossibilitam sucesso neste processo, as aulas de Educação Física escolar e o uso das tecnologias, entre outros pontos de discussões e reflexões, pautando-se no uso das TIC em favorecer qualitativamente o ensino e aprendizagem no que tange à abordagem dos conteúdos.

De acordo com os relatos de Sena (2011), tais tecnologias podem viabilizar para as aulas de Educação Física na escola um novo espaço de aprendizagem, havendo uma integração da cultura intra e extra-escolar dos alunos e, assim possibilitar canais de informações abundantes e variados, de maneira bastante



atrativa. Entende que as TIC, devido à versatilidade e convergência midiática, exercem grande fascínio sobre os educandos, uma vez que jogos educativos, participação em redes sociais, enciclopédias virtuais e pesquisas em sítios da Internet também estão presentes em suas práticas sociais. Salienta, ainda, que as mídias e tecnologias que possibilitam novas formas de transmissão dos conteúdos pedagógicos ampliam o acesso à informação e reconfiguram o espaço escolar, oportunizando novas experiências e constantes aprendizados.

Em relação às dificuldades sobre a inserção das TIC na escola, Bianchi (2009) comenta que são muitos os desafios a serem enfrentados, sendo o primeiro deles a questão de sensibilizar os professores sobre o assunto e oportunizar que os mesmos se preparem adequadamente para conduzir o processo de ensino e aprendizagem na presença destas tecnologias. Outros desafios dizem respeito às questões ligadas a organização escolar e a falta de infra-estrutura das próprias escolas, no que diz respeito às condições materiais e também técnicas dos docentes acerca do conhecimento na área.

Nesta mesma ótica de reflexão, Kenski (2008) comenta sobre a importância da ação educativa que se processa na aprendizagem, exigindo participação plena e intercomunicação frequente entre todos os envolvidos no processo. Não basta apenas o professor utilizar as mídias digitais de maneira que reflita no ato formal de ensino, sendo o docente um singelo transmissor de conhecimentos, apenas apoiando-se em seus (possíveis) usos; deve utilizar-se de tais mídias sendo um mediador deste processo educacional, favorecendo iniciativas que incidam em uma ação educativa recorrente, pautada em aspectos que promovam o senso crítico, o diálogo, a troca e a convergência comunicativa, bem como as múltiplas conexões entre os indivíduos.

Sobre esta questão, Barbosa e Moura (2013) referenciam a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABProb) como um método de ensino que faz uso contextualizado de uma situação problema para favorecer um aprendizado autogerido, sendo que tal aprendizado centra-se no aluno, o qual passa a ser um agente ativo neste processo, e não mais como nos métodos convencionais onde o aprendizado está centrado na figura do professor. Na ABProb o professor atua então como um orientador/facilitador nos diferentes grupos de trabalho formados, sendo que a interação entre os alunos e o professor torna-se mais intensa comparada a aulas formais e meramente expositivas.

Algumas indagações podem fazer-se presentes acerca do propósito da temática desta Unidade Didática, tais como: Como contextualizar os conteúdos da Educação Física com as mudanças e transformações tão velozes da sociedade atual? É possível relacionar as práticas corporais de aventura, as aulas de Educação Física na escola e as Tecnologias da Informação e Comunicação? Como dinamizar as vias de comunicação entre alunos e professores no propósito em favorecer uma aprendizagem adequada, educativa e crítica deste (novo) conteúdo educacional? Como aprender a conviver/explorar/discutir o meio ambiente, valorizando-o e preservando-o, em uma aula de Educação Física?

Para tanto, neste ensaio será exposto e discutido uma proposta de Unidade Didática que envolve o conhecimento/prática e a discussão/reflexão acerca das práticas corporais de aventura, entre elas a vivência de uma trilha interpretativa atrelada à Educação Ambiental, com utilização frequente destas tecnologias (programa de edição de vídeos, uso de filmadoras e dispositivos móveis, criação de grupo de discussões na rede social Facebook, uso de DVD, slides no Power Point, vídeos e documentários no You Tube), a fim de favorecer uma plena ação educativa,



numa junção integral dos objetivos, dos conteúdos, das experiências de aprendizagem e da utilização das TIC.

Nesta Unidade Didática será utilizada a ABProb referenciada por Barbosa e Moura (2013), onde partindo-se do entendimento inicial do problema proposto, pela análise e busca de solução, apresentação do trabalho e avaliação dos resultados, cada aluno terá a chance de envolver-se com tarefas e conteúdos que permitem maiores níveis de assimilação e fixação do conhecimentos abordados, no caso deste ensaio com as práticas corporais de aventura, as trilhas interpretativas e a educação ambiental.

Os alunos terão a oportunidade nesta Unidade Didática de poder em cada uma dessas fases de conhecer/pesquisar/debater sobre tais assuntos, formar grupos e buscar maneiras de cumprir as tarefas propostas, usando as TIC em diferentes ambientes e de diversas formas, e depois poder discutir/avaliar/apresentar coletivamente os resultados alcançados.

UNIDADE DIDÁTICA: CONHECER/PRATICAR/DISCUITIR/AVALIAR AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA E AS TRILHAS INTERPRETATIVAS, ATRELADAS AO USO DAS TIC

O objetivo central desta Unidade Didática é enfocara temática das práticas corporais de aventura de maneira que propicie sentido/significado aos alunos, permitindo que eles consigam, além de identificar os diferentes tipos de práticas, contextualizá-las criticamente(a maioria delas bastante elitizadas e com alto preço nos equipamentos e materiais necessários), sendo bastante divulgadas e veiculadas pela mídia em geral. Particularmente, visa-se trabalhar com a vivência de uma Trilha Interpretativa em meio a Mata Atlântica e oportunizar aos alunos o contato direto com a natureza, favorecendo a abordagem/discussão/reflexão acerca da Educação Ambiental e de aspectos relacionados à relação entre a área da Educação Física e o Meio Ambiente, sendo que todo este processo será mediado pelo uso das TIC.

Para que haja uma efetiva produção por parte do aluno e como um objetivo de grande relevância, em uma das tarefas desta unidade didática cada grupo de alunos vai produzir um material digital que será utilizado por eles mesmos no desenvolvimento das aulas, bem como participar ativamente de um grupo de discussões da classe na rede social Facebook acerca da temática abordada e discutida durante os encontros. Além disso, um grupo ficará responsável em conduzir uma classe do Ensino Fundamental II na vivência da mesma trilha interpretativa que eles próprios tiveram a oportunidade em experimentar.

Sobre essa questão retratada, Silva (2009) reconhece a dificuldade que professores têm quanto ao reconhecimento das produções culturais juvenis contemporâneas, e assim acabam não oportunizando experiências de protagonismo aos seus estudantes. Tal protagonismo é de significativa valia para estes jovens.

A proposta de unidade didática terá um total de 8 aulas, sendo 6 destas aulas com duração de 2 horas em cada encontro, e 2 aulas com duração de 4 horas (pelo fato de ser a vivência da trilha interpretativa Alto da Esperança, em Vila Cambinhas/Itacaré/BA, distante 51 km de Ilhéus/BA), totalizando então 20 horas/aula, lembrando que em cada um desses encontros haverá a utilização das TIC, e a ocorrência dos mesmos também será respaldada por uma ação educativa constante entre as mediações do professor e o conjunto de alunos.



Convém salientar que tais alunos serão compreendidos por uma classe do 1º ano do Ensino Médio, pertencentes a uma escola particular, que atende desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio. Ademais, a classe de Ensino Fundamental II que será conduzida pelos alunos do Ensino Médio pertence a mesma instituição educacional.

Para fundamentar a intenção deste ensaio em utilizar as práticas corporais de aventura, remete-se às afirmações de González e Fensterseifer (2010), que entendem "... a Educação Física enquanto componente curricular que deve ocupar-se com o estudo do conjunto de práticas corporais sistematizadas que se vinculam com o campo do lazer, o cuidado do corpo e a promoção da saúde" (p.15). Os autores acrescentam que as acrobacias, a dança, o esporte, as lutas, entre outros, podem ser encaradas como práticas corporais que fazem parte do campo de estudo da Educação Física, evidenciando também neste conjunto as práticas corporais de aventura.

Acerca disso, Pereira e Armbrust (2010), Franco (2011) e Alves e Corsino (2013) têm em comum o fato de acreditar que as rápidas mudanças e transformações da sociedade atual faz com que os professores de Educação Física repensem formas de contextualizar os conteúdos da referida área entre os alunos, tentando oportunizar aulas prazerosas e diversificadas em relação às vivências. Os autores entendem que as práticas corporais de aventura são uma realidade em nossos dias, ocupando um espaço considerável nos meios midiáticos e, que tal inserção em ambiente escolar pode ser uma boa maneira, por exemplo, de abordagem da temática do meio ambiente em aulas de Educação Física, além de poder referenciar/discutir/vivenciar algumas modalidades de aventura como um tema de extrema relevância para o cotidiano da Educação Física escolar.

Sobre tal importância no cotidiano das aulas escolares, Franco, Cavasini e Darido (2014) evidenciam que para o propósito de promover a inclusão de novos conteúdos na escola é necessário superar barreiras construídas ao longo do tempo, como a tradição das práticas esportivas, a qual é uma das mais expressivas. Além disso, as potencialidades das práticas corporais de aventura em iniciativas educacionais incidem sobre ganhos de autoimagem e autoconfiança, desenvolvimento de competências de liderança e de trabalho em grupo, melhoria das relações entre os seres humanos e a natureza, promoção da ética ambiental, ampliação da apreciação de áreas de relevância histórica e cultural, aumento dos níveis de cooperação e coesão social, entre outros.

No caso das trilhas interpretativas, Paiva e França (2007) apontam que a importância destas vivências está relacionada em descobrir as diferentes formas de pensar as relações humanas. Mais do que conhecer o entorno natural, almeja-se refletir sobre as transformações na forma de ser, onde valores relativos à cooperação, soliditudes, limitações e convivência com as diferenças pessoais podem fazer-se presentes. Além disso, durante o percurso as pessoas interagem em diferentes escalas com o meio natural, levando algo consigo, seja uma nova mentalidade, novas sensações, experiências, lembranças e novos aprendizados. É o mundo dos sentidos a ser explorado como facilitador do desenvolvimento de uma consciência crítica.

Diante destes apontamentos, a seguir há a exposição da Unidade Didática, contendo o número de aulas, os conteúdos desenvolvidos, as atividades propostas e a utilização das TIC em cada um desses encontros.

**QUADRO 1 - PROPOSTA DE UNIDADE DIDÁTICA COM O TEMA AVENTURA, TRILHAS INTERPRETATIVAS E USO DAS TIC PARA ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

<i>AULAS</i>	<i>CONTEÚDOS DESENVOLVIDOS</i>	<i>ATIVIDADES PROPOSTAS</i>	<i>UTILIZAÇÃO DAS TIC</i>
1ª	Relações entre os Seres Humanos X Meio Ambiente (natural e urbano)	Assistir o Documentário “Planeta Sagrado”; seguido de debate sobre o conteúdo exposto. Confeção de uma pequena resenha de 15 linhas acerca do vídeo.	Uso de aparelho de TV/DVD ou Computador/Projeto. Grupo da classe criado no Facebook para postagens de comentários, discussões e vídeos produzidos. Postagem das resenhas no grupo do Facebook.
2ª	Caracterização e Classificação das práticas corporais de aventura	Apresentação e exemplificação das modalidades aéreas, aquáticas e terrestres; na natureza e em meio urbano. Discussão sobre a aventura em três âmbitos distintos: turístico/recreativo; rendimento/competição e educativo/pedagógico.	Slides no Power point e Vídeos no You Tube. Postagem destes documentos no grupo do Facebook para maior entendimento dos tipos de práticas. Comentar no grupo do Facebook qual atividade mais chamou a atenção e o motivo pela escolha.
3ª	Trilhas Interpretativas (Educação Ambiental) – parte teórica	Discussões/explicações sobre a Condução em Trilhas, Procedimentos de Segurança e Ética Ambiental.	Vídeo Educativo e um computador/projeto. Postagens no grupo do Facebook sobre o entendimento de cada um a respeito dos aspectos abordados.
4ª	Trilhas Interpretativas (Educação Ambiental) – parte prática	Vivência prática para todos da classe, onde serão as ações filmadas e gravadas (após tal vivência um grupo vai editar um vídeo/documentário sobre a trilha, com o	Gravação em Filmadoras, Câmeras Digitais e Dispositivos Móveis; Programa de Edição de Imagens/Vídeos. Postagens no grupo do Facebook sobre as



		propósito deste mesmo grupo expor e conduzir alunos do Fundamental II na vivência desta mesma trilha ao final da UD).	opiniões e percepções acerca da vivência prática.
5 ^a	Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física escolar – parte I	Discussões/explicações mediadas pelo professor sobre a adaptação de algumas modalidades para inserção nas aulas escolares (cada um dos outros grupos irão escolher determinada modalidade e criar um vídeo com duração aproximada de 10 minutos, retratando aspectos sobre a referida prática, porém adaptada para as condições da escola). Posteriormente, irão aplicar a vivência proposta no vídeo para os demais colegas de classe.	Filmadora, Câmera Digital e Celular para filmagem; Programa de Edição de Vídeos.
6 ^a	Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física escolar – parte II	Visualização/aplicação da vivência e conteúdos propostos nos vídeos produzidos para a vivência dos demais colegas da classe.	Projektor/Data show; Computador.
7 ^a	Trilhas Interpretativas – Condução dos alunos do Ensino Fundamental II	Vivência da trilha pelos alunos do Fundamental II, sendo conduzidos por um grupo do Ensino Médio, responsáveis pelas informações interpretativas do percurso. Os demais alunos da classe irão auxiliar este grupo	Câmeras digitais, filmadoras e celulares para gravação. Programa de Edição de Vídeos.



		responsável pela condução, numa divisão de tarefas. Realização de filmagens e gravações de todo o evento, para posterior editoração.	
8 ^a	Atividade Avaliativa: individual e coletiva	Todos os alunos irão assistir e discutir os vídeos produzidos pelos colegas, valorizando a participação, produção e criatividade. Autoavaliação sobre a participação e grau de envolvimento na ação proposta.	Projetor/Data show; Computador. Postagens de todos os vídeos no grupo da classe do Facebook, os quais devem ser seguidos por comentários e/ou críticas de todos os alunos da classe, inclusive sobre sua própria participação em todo o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao imaginara viabilização da presente proposta de unidade didática, pode-se facilmente suscitar o pensamento em relação às dificuldades em utilizar-se das TIC como efetivas produtoras de conhecimento em uma escola, ainda mais abordando o conteúdo das práticas corporais de aventura que (infelizmente) não é muito enfatizado em aulas de Educação Física em meio escolar.

No caso especificamente das dificuldades relacionadas à inserção das TIC, pode-se refletir acerca de fatores como a infraestrutura precária das escolas, a formação (e atualização) dos professores que muitas vezes não dominam o uso de tais tecnologias, bem como as próprias políticas públicas ineficientes referentes à modernização que se faz necessária das escolas, onde ocorre um mau uso (ou completa ausência) de equipamentos tecnológicos nas instituições.

Entretanto, o professor de Educação Física atualmente precisa estar preparado para interagir e dialogar com os alunos, os quais emergem com essa nova cultura digital atrelada em suas vidas cotidianas. Torna-se necessário manter reflexões críticas sobre o uso das novas tecnologias, considerando-se as especificidades pertinentes a cada escola, mas também entendendo esse processo como um desafio de incorporação de uma nova linguagem, que amplia e recria as possibilidades das inúmeras práticas corporais interligadas às TIC.

Não se pode perder de vista que cabe ao professor (tentar) inserir as novas tecnologias na medida do possível, respeitando-se as especificidades dos seus locais de docência e a existência de fatores adversos, com o propósito de favorecer e contribuir cada vez mais para que haja a formação de um cidadão crítico, reflexivo e consciente da realidade que o cerca na sociedade atual.



No caso dos desafios atrelados à inserção das práticas corporais de aventura enquanto um conteúdo a ser enfatizado nas aulas de Educação Física escolar, talvez o maior deles esteja relacionado ao predomínio e hegemonia histórica das modalidades esportivas tradicionais, seja o futebol/futsal, basquete, vôlei ou o handebol. Tais modalidades, com predomínio maior do futebol/futsal, podem ser encaradas como conteúdo hegemônico em boa parte das instituições escolares Brasil afora.

Ademais, outros empecilhos se fazem presentes, tais como a precariedade e insuficiência dos recursos físicos e materiais de muitas escolas brasileiras, além da falta de uma maior qualificação profissional e interesse em buscar um novo conteúdo educacional para seus alunos e, isso claro deve partir de cada professor interessado (ou não) em suas aulas, comprometido (ou não) com a qualidade e inovações em suas aulas.

Desta forma, sabe-se que algumas escolas terão mais ou menos condições relacionadas às questões físicas, materiais e de professores capacitados e comprometidos para que haja a efetiva inserção destas práticas como um conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física escolar.

Diante disso, cabe a seguinte indagação: mesmo com os problemas mencionados, entre eles a falta de recursos materiais e físicos, por que o professor não usar a criatividade e o espaço disponível de sua escola ou do entorno para adaptar a vivência de determinadas práticas de aventura ao contexto das aulas? Isso já poderia ser um caminho para uma abordagem inicial acerca deste conteúdo, gerando discussões e produção de conhecimento.

Nesse sentido, a intenção deste ensaio é permitir reflexões acerca desses temas e para que possa haver uma produção por parte aluno, o qual fará uso das TIC e também estará interagindo constantemente com a temática da aventura (pouco ou nada utilizada) enquanto um conteúdo da Educação Física e pertencente ao contexto da Cultura Corporal de Movimento.

Torna-se necessário que o aluno compreenda e reflita sobre as práticas de aventura como uma manifestação corporal que deve ser tratada pela Educação Física, uma vez que são bastante divulgadas atualmente pela mídia, quer seja pelas inúmeras competições das diferentes modalidades, ou mesmo por indivíduos que procuram cada vez mais por tais práticas em seus momentos de lazer e tempo livre.

É inegável que vai haver muitos empecilhos e dificuldades que irão aparecer no caminho dos professores que tentarão inovar suas aulas com tais conteúdos, seja a aventura, as TIC ou os dois juntos como é o caso deste ensaio, mas a vontade e dedicação em (tentar) propor aos alunos algo um pouco diferente dos conteúdos habituais das aulas de Educação Física deve ter uma ênfase e respaldo ainda maiores, uma vez que a relação entre a “Aventura, TIC e Escola” pode contribuir para um possível sucesso no processo de ensino-aprendizagem acerca de tais conteúdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C. S. R.; CORSINO, L. N. O *Parkour* como possibilidade para a Educação Física Escolar. *Motrivivência*, Florianópolis, ano XXV, n. 41, p. 247-257, dez. 2013.



ARMBRUST, I.; SILVA, S. A. P. S. Pluralidade Cultural: os esportes radicais na Educação Física escolar. *Movimento*, Porto Alegre, v.18, n.1, p.281-300, jan./mar. 2012.

AURICCHIO, J. R. Escalada na Educação Física Escolar. Orientação adequada para a prática segura. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v.14, n.139, dez.2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd139/escalada-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 06 out. 2014.

BARACHO, A. F. O.; GRIPP, F. J.; LIMA, M. R. Os exergames e a Educação Física escolar na cultura digital. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v.34, n.1, p.111-126, jan./mar. 2012.

BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. *B. Tec. Senac*, Rio de Janeiro, v.39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.

BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H.T. (Orgs.). *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.

BETRÁN, J. O.; BETRÁN, A. O. Proposta Pedagógica para as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) na Educação Física do Ensino Médio. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.). *Viagens, Lazere Esporte: o espaço da natureza*. Barueri: Manole, 2006. p.180-209.

BIANCHI, P. Relato de experiência em mídia Educação (Física) com professores da rede municipal de ensino de Florianópolis/SC. In: PIRES, G. L.; DORENSKI, S. (Orgs.). *Pesquisa em Educação Física e Mídia: contribuições do LaboMídia/UFSC*. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 226-246.

BIANCHI, P.; PIRES, G. D. L.; VANZIN, T. As Tecnologias de Informação e Comunicação na rede municipal de ensino de Florianópolis: possibilidades para a Educação (Física). *Linhas*, Florianópolis, v.9, n.2, p.56-75, jul./dez. 2008.

BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.18, n.2, p.86-91, 1997.

CHAMPANGNATTE, D. M. O.; NUNES, L. C. A inserção das mídias audiovisuais no contexto escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p.15-38, dez. 2011.

DINIZ, I. K. S. *Blog Educacional para o ensino das danças folclóricas a partir do currículo de Educação Física do estado de São Paulo*. 2014. 205 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014.



FRANCO, L. C. P. Atividades Físicas de Aventura: possibilidades no contexto escolar. In: DARIDO, S. C. et al. (Orgs.). *Educação Física Escolar: compartilhando experiências*. São Paulo: Phorte, 2011. p.265-285.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S. C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). *Lutas, Capoeira e Práticas corporais de aventura: práticas corporais e a organização do conhecimento*. Maringá: Eduem, 2014. p. 101-135.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; SILVA, E. V. M. Esporte. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). *Educação Física no Ensino Superior*. Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p.176-198.

GONÇALVES JÚNIOR, L.; CARMO, C. S.; COLLOCA, E. A.; CORRÊA, D. A. Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL): dialogando a partir do cicloturismo na escola. *Licere*, Belo Horizonte, v.14, n.4, p.01-16, dez. 2011.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. *Cadernos de Formação RBCE*, v.1, p.10-21, mar. 2010.

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 29, n. 104, p. 647-665, out. 2008.

MIRANDA, L. V. T. Oficinas pedagógicas de blogs na Educação Física: um relato de experiência. *Motrivivência*, Florianópolis, ano XXII, n.34, p.208-222, jun. 2010.

PAIVA, A. C.; FRANÇA, T. L. Trilhas Interpretativas - reconhecendo os elos com a Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.28, n.3, p.109-124, maio. 2007.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST I. *Pedagogia da Aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola*. Jundiaí: Fontoura; 2010.

RODRIGUES, L. H.; DARIDO, S. C. Educação Física escolar e Meio Ambiente: reflexões e aplicações pedagógicas. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v.11, n.100, p.1-6, 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd100/ma.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

SANTOS, P. M.; MARINHO, A. *Slackline* e Educação Física: experiências do projeto de extensão “lazer e recreação”. *Licere*, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 306-328, dez. 2014.

SCHWARTZ, G. M. (Org.). *Aventuras na natureza: consolidando significados*. Jundiaí: Fontoura, 2006.

SENA, D. C. S. As Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino da Educação Física Escolar. *Hipertextus*, Recife, n.6, p.1-12, ago. 2011.



SILVA, L. M. F. *O ensino da capoeira na Educação Física escolar: blog como apoio pedagógico*. 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) –Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

SILVA, T. G. *Protagonismo na Adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano*. 2009. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

UVINHA, R. R. *Juventude, Lazer e Esportes Radicais*. São Paulo: Manole, 2001.